

País de avestruzes

Expedito Quintas

A Nação vive uma de suas mais graves crises, quer nos planos social, quer no econômico. Não existem espaços em cujos horizontes não se apresente um problema de envergadura, um somatório de dificuldades, confirmado uma pauta de urgência e cujas soluções não mais podem sofrer adiamentos. Em que pese essa sintomatologia inquietadora, ainda assim o Brasil e os brasileiros procrastinam as medidas adequadas e pertinentes, capazes de por cobro às ameaças que pelas proporções alcançadas constituem perigos ostensivos à ordem econômica e social, num aprofundamento que inclusive pode evoluir para situações irreversíveis de natureza institucional. Um comprometimento político com potenciais suficientes para desestruturar a ordem constitucional e o regime de governo dela decorrente.

O deixa estar para ver como é que fica, é item permanente na agenda dos nossos homens públicos, uma espécie de vocação insopitável para as opções pelo acessório nos deveres e obrigações de cada dia.

Exemplo típico desse estado de coisas pode ser identificado na agricultura, indiscutivelmente o segmento da nossa economia com respostas prontas e imediatas e cujos efeitos multiplicadores, seguramente, teriam empatia suficiente para reverter o quadro nebuloso que hoje veste de tons cinzas o quotidiano de 150 milhões de brasileiros, cada vez mais deprimidos pelas perdas do poder aquisitivo, notadamente das categorias sociais de média e baixa renda, cedendo crescentes concessões às angústias da fome, do desemprego e do desespero que a inflação e a recessão semeiam em quase todos os patamares de nossa economia.

A política do crédito agrícola, repelida pela unanimidade das entidades que congregam empregados e empregadores do setor rural, numa condenação definitiva de que existem erros cumulativos e impropriedades e distorções sobrejamente demonstradas é

que estão levando a ruína a todo o sistema produtivo responsável pela geração de alimentos.

Na esteira desse descaminho estão detectadas situações ominosas que, mais do que advertir, tornam evidentes que a questão não pode ser prolongada, sem uma reação pronta e imediata. Como amostragem dramática desse estado de coisas, o IBGE já implantou um monumento ao desastre social que infelicita 35 milhões de brasileiros que passam gome.

A economia, nos setores de transformação e de serviços, não encontrou, até aqui, a porta de saída da crise, mantendo sobre a sociedade um passivo de ineficiência, fonte inesgotável de combustível para as fogueiras inflacionárias e recessivas.

O avanço demográfico revela que por volta do ano 2.000 o Brasil deverá produzir mais de 110 milhões de toneladas de grãos anualmente para atender a uma demanda compulsória, com exigência de crescimento na produção de perto de 7,5 milhões de toneladas por ano para chegarmos empatados com o consumo ao iniciar-se o terceiro milênio.

A agricultura está falindo. O endividamento e a descapitalização do empresariado do campo tem comprovação irrecorribel no excessivo grau de inadimplência dos empréstimos do Banco do Brasil. O total de contratos de financiamento que há pouco tempo era superior a 2,5 milhões de processos, caiu para menos de 650 mil.

É diante desse quadro de quase insolvência da agropecuária é que se apresenta o País de Avestruzes com todos os graduados do oficialismo de cabeça enterrada nas areias da omissão, num imobilismo incomprensível. E a presença das estrutus camellus é assinalada em todas as vertentes ministeriais, incorporando nesse imenso aviário de indiferentes os poderes Executivo e Legislativo, exemplares no seguir o comportamento dessas espécies, que mergulham a cabeça no chão adiando providências que até 1999 vão acumular um déficit mensal de 620 mil toneladas de gêneros alimentícios, se a postura avestruziana persistir até lá.